



Trabalho de recuperação- 3º trimestre

NOME:

TURMA:

DATA:

DISCIPLINA: LITERATURA

PROFESSOR (A):

1. Leia esta narrativa.

O lobo e o cão

Um lobo e um cão se encontraram num caminho. Disse o lobo:

— Companheiro, você está com ótimo aspecto: gordo, o pelo lustroso... Estou até com inveja!

— Ora, faça como eu — respondeu o cão. Arranje um bom amo. Eu tenho comida na hora certa, sou bem tratado... Minha única obrigação é latir à noite, quando aparecem ladrões. Venha comigo e você terá o mesmo tratamento.

O lobo achou ótima a ideia e se puseram a caminho. Mas, de repente, o lobo reparou numa coisa.

— O que é isso no seu pescoço, amigo? Parece um pouco esfolado... — observou ele.

— Bem — disse o cão — isso é da coleira. Sabe? Durante o dia, meu amo me prende com uma coleira, que é para eu não assustar as pessoas que vêm visitá-lo.

O lobo se despediu do amigo ali mesmo:

— Vamos esquecer — disse ele. — Prefiro minha liberdade à sua fartura.

Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001614.pdf>.

Acesso em: 17 jul. 2019. (Adaptado)

O texto acima é uma fábula que, por meio do diálogo entre um lobo e um cão, nos leva a refletir sobre a liberdade.

Transforme essa fábula em um texto teatral.

Para isso, inicie o seu texto apresentando a história, o cenário e as personagens. Após a apresentação, dê início aos diálogos. Não se esqueça das rubricas, que informarão as expressões, os gestos e os movimentos das personagens.

Ao terminar a primeira versão, revise atentamente o texto, fazendo as correções e as modificações necessárias.

Leia o texto:

Outro presente para a senhora

– Mãe, *taqui* seus chocolates!

– Que chocolates, meu anjo?

– A senhora não sabe que, no Dia das Mães, dê chocolate para ela? Comprei um pacotão divino-maravilhoso-fora-de-série, pra senhora. Tem bombons, *tablettes*, figurinhas, pastilhas, drágeas... Um negócio, mãe!

– Filhinho, eu não posso comer chocolate.

– Como não pode? É uma *curtição*. Todas as mães do Brasil, no Dia das Mães, vão saborear produtos achocolatados. Não precisa engolir tudo e duma vez, guarda pra semana toda, pro mês inteiro.

– Alfredinho, o médico me proibiu de comer chocolate.

– E daí, esquece o médico. Não é Dia dos Médicos, é Dia das Mães, dia da senhora. Quando é que as mulheres vão se emancipar da tutela dos homens?

– E você não é homem, criatura? Você quer que eu seja independente comendo chocolate que você faz questão de me dar?

– Fico triste com a senhora.

– Fique não, querido. Vamos fazer uma coisa. Dê esse pacote tão lindo pra sua namorada.

– A Georgiana? A Georgiana não é casada nem mãe solteira, como é que eu vou dar presente a ela no Dia das Mães? *Pega mal*.

– Toda namorada merece ganhar presentes em qualquer dia do ano.

– Não posso dar chocolates a Georgiana.

- Não pode por quê?
- Engorda.
- Ah, muito bonito. Então a Georgiana não pode engordar, eu, que sou mãe do namorado dela, posso, né?
- Não é nada disso, mãe. Também não quero que a senhora engorde, mas se engordar, problema de papai.
- O problema é meu antes de mais ninguém, ouviu? Ou você não acha mais que a mulher deve resolver por si mesma o que lhe convém ou não convém?
- Mas chocolate, uma coisa à-toa... Que importância tem isso?
- Tem importância pra Georgiana, tem importância pra você que não quer ver Georgiana barriguda por causa de chocolate, não tem importância pra mim, só porque no Dia das Mães usa oferecer chocolate à autora dos seus dias?
- Autora de quê? A senhora tá falando difícil, mãe. Até parece linguagem de vestibular. Deixa, não tem importância. Quer dizer que a senhora tá mandando meu presente praquela parte.
- Alfredinho, não repita!
- Não disse nada de mal.
- Disse sem dizer. Não admito que você use essas expressões falando comigo.
- Que expressões? Desculpe. Não quis ofender a senhora, evidente. Estou só defendendo o chocolate, entende?
- Está bem.
- É muito alimentício.
- Eu sei.
- Numa dieta bem balanceada...
- Chega, Alfredinho. Não precisa falar em calorias. Quem não sabe que chocolate é bom e gostoso? Eu adoro chocolate, mas...
- Então pega o pacote.
- É uma tentação. Mas eu resisto.
- Eu ajudo a destruir o que tá aí dentro, mãe.
- Não.
- Prova só um chocolatezinho mais *legal*, com recheio de licor.

- Não.
- Unzinho só. Delícia.
- Nããããão. Leve pra Georgiana, já disse.
- Já vi tudo. Você quer ter uma nora de barrigona estufada de tanto comer chocolate, só pra ter o gosto de mostrar que a sogra dela é mais leve que manequim!
- Bandido, some da minha frente com essa porcaria, que eu não sou mais sua mãe!

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Os dias lindos*. In: Poesia e Prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1988, p. 1926)

2. Esta crônica de Carlos Drummond de Andrade não possui a voz de um narrador. Que outro texto tem essa característica? Explique.

3. Escreva um pequeno parágrafo (de 3 a 5 linhas), introduzindo as personagens e explicitando, pela voz de um narrador em terceira pessoa, as circunstâncias (tempo e lugar) que envolvem o diálogo.

4. Em textos narrativos, o narrador frequentemente introduz e comenta as frases dos diálogos. Interpretando os sentimentos e atitudes das personagens, escreva uma frase-comentário do narrador para cada fala do seguinte trecho (atenção: utilize dois pontos após cada frase):

- Unzinho só. Delícia.
- Nããããão. Leve pra Georgiana, já disse.

5. O que significa a expressão em destaque? – Mãe, **taqui** seus chocolates!

Enredo (ou trama) é a organização especial dos acontecimentos narrados, visando provocar determinados efeitos no leitor ou no espectador. Essa organização pode ser linear (em ordem cronológica) ou não linear (com avanços, recuos, interrupções, saltos no tempo, elipses).

O texto que você vai ler agora é o quarto capítulo de *A ilha do tesouro*.

Para que você compreenda o texto, leia antes o resumo dos três primeiros capítulos do livro, que é dividido em seis partes.

Parte I: O velho pirata

Capítulo I: **O velho lobo do mar no Almirante Benbow**

O velho capitão Billy Bones muda-se para a estalagem Almirante Benbow, que pertencia aos pais do narrador, o jovem Jim Hawkins. Grosseiro, beberrão e violento, o marinheiro paga para que o rapaz o avise sobre a chegada de um homem de uma perna só. O pai de Jim adoece. Numa de suas visitas ao doente, o médico, dr. Livesey, homem educado e justo, que também exercia a função de magistrado, enfrenta o pirata Billy Bones e o adverte de que, caso continue a beber tanto, acabará morrendo.

Capítulo II: **O “Cão Negro” aparece e desaparece**

Pouco depois, num dia de inverno, um indivíduo pálido, sem dois dedos da mão esquerda, aparece na estalagem. Era o Cão Negro. O capitão empalidece ao reconhecê-lo. Após uma luta, o Cão Negro consegue fugir e o capitão desmaia. É socorrido pelo dr. Livesey, que o proíbe de tomar rum.

Capítulo III: **A marca negra**

O pai de Jim morre, e a cada dia o capitão fica mais debilitado e mal-humorado. Teme que seus inimigos, para se apossarem de seu velho baú de bordo, lhe enviem a “marca negra”. No dia seguinte ao funeral do pai de Jim, aparece na estalagem um mendigo velho e cego, figura horrenda e misteriosa, coberta com longa capa de marinheiro, que agarra o garoto e o obriga a levá-lo até o capitão. Após passar alguma coisa à mão do velho marinheiro, o mendigo foge. Examinando a coisa misteriosa que recebera, o capitão exclama que só tinham até as dez horas para escapar, sofre um ataque e cai morto.

O BAÚ DO MARUJO

1 Contei logo tudo o que sabia para minha mãe; algo que já devia ter feito muito tempo antes; estávamos numa situação ao mesmo tempo difícil e perigosa. Parte do dinheiro daquele homem, se é que ele tinha algum, devia ser para pagar a dívida que tinha conosco; mas não era nada provável que os seus companheiros, sobretudo aqueles dois espécimes que eu vira, Cão Negro e o mendigo cego, estivessem inclinados a desistir de seu quinhão em nome do pagamento da dívida do morto. A ordem do capitão para montar logo a cavalo e procurar o dr. Livesey teria deixado minha mãe sozinha e desprotegida, algo que não dava nem para pensar. De fato, parecia-nos impossível permanecer mais tempo na casa; o carvão que caía sobre a grelha da cozinha, ou o tique-taque do relógio, nos davam medo. Tudo o que rodeava a casa parecia, a nossos ouvidos, assombrado por passos que se aproximavam; e ali, diante do capitão morto no chão da sala e do pensamento de que aquele detestável mendigo cego estava rondando por perto, e pronto para voltar, havia momentos, como diz a expressão, em que eu ficava com os cabelos em pé de tanto

medo. Algo devia ser feito rapidamente; e tivemos por fim a ideia de sair em busca de ajuda na aldeia vizinha. Foi o que fizemos. Sem sequer cobrir a cabeça, saímos quando a noite já caía com sua neblina gelada.

2 A aldeia ficava a algumas centenas de metros, embora não se pudesse avistá-la, lá do outro lado de uma outra enseada bem próxima. O que mais me encorajara era que ficava na direção oposta àquela de onde o cego surgira, e pela qual provavelmente tinha voltado. Não demoramos quase nada para chegar, embora às vezes tivéssemos parado para nos abraçar e ver se escutávamos alguma coisa. Mas não havia nenhum som estranho. Nada a não ser o barulho surdo da ressaca e o som dos corvos na floresta.

3 As velas já estavam acesas quando chegamos à aldeia, e nunca esquecerei o conforto que senti ao ver o brilho amarelo nas portas e janelas; mas isso, como ficou provado, seria o máximo de ajuda que iríamos conseguir. Pois (aqueles homens deviam envergonhar-se de si próprios) não houve uma só alma que tenha aceitado voltar conosco até o Almirante Benbow. Quanto mais contávamos sobre nossos problemas, mais, homens, mulheres e crianças, todos se apegavam ao abrigo de suas casas. O nome do capitão Flint, embora fosse desconhecido para mim, era bem conhecido de muitos por ali e inspirava terror. Alguns homens que trabalhavam num campo bem distante do Almirante Benbow lembravam-se de ter visto forasteiros na estrada e, pensando que fossem contrabandistas, tinham fugido deles; e um deles, pelo menos, tinha visto uma escuna no lugar que chamávamos de Cova do Gato. Qualquer um que tivesse sido companheiro do capitão metia medo neles. E, para encurtar o assunto, basta dizer que enquanto alguns se dispunham a cavalgar até a casa do dr. Livesey, que ficava na outra direção, ninguém queria ajudar-nos a defender a estalagem.

4 Dizem que a covardia é contagiosa; mas que a argumentação, por outro lado, é uma grande encorajadora; e assim, quando cada um tinha dado sua opinião, minha mãe fez um discurso. Ela não iria, declarou, perder o dinheiro que pertencia a seu filho, órfão de pai.

5 – Se nenhum de vocês tem coragem – ela disse –, Jim e eu temos. Vamos voltar, pelo mesmo caminho que viemos, e pouco temos que agradecer a vocês, seus brutalhões, medrosos como galinhas. Vamos abrir aquele baú, nem que tenhamos de morrer. E lhe agradeceria por esse saco, Mrs. Crossley, para colocar o dinheiro que é nosso por lei.

6 Eu, é claro, disse que ia com minha mãe; e é claro que todos gritaram contra nossa temeridade; mas mesmo assim nem um só homem se dispôs a ir conosco. Tudo o que fizeram foi dar-me uma pistola carregada, para o caso de sermos atacados; e prometeram selar logo os cavalos, em caso de sermos perseguidos na volta; enquanto isso, um deles iria até a casa do doutor à procura de ajuda dos soldados.

7 Meu coração batia para valer quando nós dois partimos na noite fria para essa perigosa aventura. A lua cheia começava a sair e pairava toda vermelha sobre farrapos de névoa, e isso nos deu mais pressa, pois era evidente que antes de chegarmos tudo estaria claro como o dia, e ficaríamos expostos ao olhar de qualquer um. Deslizamos ao longo das sebes, silenciosos e rápidos, sem ver nem ouvir nada que aumentasse nosso medo, até que, para nosso grande alívio, a porta do Almirante Benbow fechou-se atrás de nós.

8 Passei logo o ferrolho, e ficamos um momento parados e ofegantes no escuro, sozinhos na casa com o cadáver do capitão. Então minha mãe pegou um castiçal no bar e, de mãos dadas, avançamos até a sala. Ele continuava estirado como nós o tínhamos deixado, de costas, com os olhos abertos e um braço estendido.

9 – Abaixе as cortinas, Jim – minha mãe sussurrou. – Eles podem voltar e ficar observando lá de fora. E agora – ela disse – nós temos que tirar a chave daquilo; e quem é que vai pegar, é o que eu gostaria de saber! – e deu uma espécie de soluço enquanto falava.

10 – Ajoelhei-me logo. No chão, perto da mão dele, estava um pedaço de papel, todo preto de um lado. Eu não podia duvidar que aquilo era a marca negra. Ao apanhá-lo, vi que estava escrita do outro lado, numa caligrafia muito clara, esta pequena mensagem: “Você tem até dez da noite”.

11 – Mãe, o prazo dele terminava às dez – eu disse; e na mesma hora nosso velho relógio começou a bater.

- 12 Esse súbito ruído deu-nos um choque tremendo, mas a notícia que trouxe era boa, pois eram apenas seis horas.
- 13 – Agora, Jim – ela disse –, a chave.
- 14 Procurei nos seus bolsos, um após outro. Umas poucas moedas, uma ponteira, linha e agulhas grossas, um rolo de tabaco mordido até a ponta, sua faca com o cabo entortado, uma pequena bússola e um isqueiro, era tudo que havia, e comecei a ficar desesperado.
- 15 – Talvez esteja em volta do pescoço – minha mãe arriscou.
- 16 Dominando uma forte repugnância, rasguei sua camisa até o pescoço e lá, bem segura, pendurada num barbante que cortei com sua própria faca, achamos a chave. Com esse êxito, ficamos cheios de esperança, e subimos correndo, sem mais demora, até o pequeno quarto onde ele dormira tanto tempo, e onde seu baú ficara desde o dia de sua chegada.
- 17 Era igual a qualquer baú de marujo; a inicial B estava gravada na tampa com ferro de brasa, e tinha os cantos amassados e lascados pelo uso rude e prolongado.
- 18 – Dê-me a chave – disse minha mãe.
- 19 Embora a fechadura estivesse enferrujada, ela girou a chave e abriu-a num minuto.
- 20 Um cheiro forte de tabaco e de alcatrão saiu de dentro, mas à primeira vista só havia um terno de bom tecido, cuidadosamente escovado e dobrado. Nunca tinha sido usado, minha mãe disse. Debaixo dele, começava a miscelânea: um quadrante, um caneco de lata, vários rolos de tabaco, dois pares de belas pistolas, uma barra de prata, um velho relógio espanhol e algumas pequenas joias de pouco valor, a maior parte de fabricação estrangeira, um par de bússolas de cobre e cinco ou seis conchas excêntricas das Antilhas. Muitas vezes fico a pensar por quanto tempo ele carregou pra lá e pra cá aquelas conchas em sua vida vagabunda, culpada e perseguida.
- 21 No entanto ainda não tínhamos encontrado nada de valor a não ser a prata e as joias, mas não era o que nos interessava. Mais embaixo ainda, havia um velho capote de marinheiro, embranquecido pelo sal marinho de muitos portos. Minha mãe puxou-o com impaciência, e ali, diante de nós, estavam as últimas coisas do baú: um pacote enrolado em oleado, que parecia ter papéis, e uma sacola de lona que deu, ao ser tocada, o tinido de ouro.
- 22 – Vou mostrar a esses patifes que sou uma mulher honesta – disse minha mãe. – Vou pegar o que me deve e nem mais um tostão. Bendito saco de Mrs. Crossley.
- 23 Ela começou a contar e tirar as moedas da sacola do capitão e passá-las para o saco que eu segurava.
- 24 Foi uma tarefa demorada, difícil, pois havia moedas de todos os países e tamanhos: dobrões, luíses de ouro, guinéus, duros e não sei mais o que, tudo misturado. Os guinéus eram os mais escassos, e era justamente com eles que minha mãe sabia fazer as contas.
- 25 Ainda estávamos na metade, quando eu pus de repente minha mão sobre o ombro dela; pois ouvira no ar silencioso e gelado um som que quase me fez saltar o coração pela boca: o toc-toc da bengala do cego na estrada coberta pela geada ia ficando cada vez mais perto, enquanto ficamos sentados prendendo a respiração. Depois bateu forte na porta da estalagem, e então pudemos ouvir o ferrolho girar e a fechadura ranger como se estivesse tentando entrar; em seguida, veio um longo silêncio do lado de dentro e de fora. Por fim, o toc-toc recomeçou, e, para nossa indescritível alegria e gratidão, foi morrendo lentamente mais uma vez até cessar.
- 26 – Mãe – eu disse –, pegue tudo e vamos embora.
- 27 Eu estava certo de que a porta trancada com o ferrolho ia provocar suspeita e atrair aquele enxame de vespas até nós; só pode saber o quanto fiquei a congratular-me comigo por ter passado o ferrolho na porta quem conheceu esse cego terrível.
- 28 Mas minha mãe, por mais apavorada que estivesse, não iria consentir em tirar nenhum tostão a mais do que era devido a ela; ao mesmo tempo recusava-se obstinadamente a ficar contente com menos.
- 29 – Ainda não são sete horas – ela disse.
- 30 Conhecia seus direitos e queria assegurá-los; e ainda estava argumentando comigo, quando um assovio bem baixo soou à distância lá na colina. Isso foi mais do que o suficiente para nós.
- 31 – Vou levar o que tenho – ela exclamou, pondo-se de pé num salto.
- 32 – E vou levar isto para arredondar a conta – eu disse, apanhando o pacote de oleado.

33 E logo, logo, já estávamos descendo as escadas, deixando o candelabro ao lado do baú vazio; em seguida, abrimos a porta e iniciamos a fuga. Foi na hora certa. A neblina começava a dissipar-se rapidamente; a lua já estava brilhando sobre a estrada; e era apenas bem no fundo do vale e ao redor da porta da taverna que um véu fino ainda pendia escondendo os primeiros passos de nossa retirada. A menos da metade do caminho para a aldeia, um pouco depois do ponto mais baixo da colina, tínhamos de andar sob a lua cheia. Mas isso não era tudo; pois o som de vários passos correndo tinha chegado a nossos ouvidos, e, quando olhamos para trás na direção deles, uma luz balançava para lá e para cá, avançando rapidamente, mostrando que um dos visitantes carregava uma lanterna.

34 – Meu querido – disse minha mãe de repente –, pegue o dinheiro e corra. Vou desmaiar.

35 Isso certamente seria o nosso fim. Então, como amaldiçoei a covardia dos vizinhos; como culpei minha pobre mãe por sua honestidade e cobiça, por sua temeridade passada e sua fraqueza presente!

36 Por sorte, já estávamos na ponte; e eu ajudei-a, pois ela cambaleava, até a ponta da ribanceira, onde ela deu um suspiro e caiu em cima de meu ombro. Não sei onde arranjei forças para fazer isso tudo, e receio que tenha agido de modo atabalhado; mas consegui carregá-la ribanceira abaixo até ficar meio escondida sob a arcada. Depois não consegui mais carregá-la, pois a ponte era baixa demais para que eu rastejasse debaixo dela. Ficamos ali mesmo, minha mãe quase inteiramente exposta, e ainda tão perto da estalagem que podíamos ouvir o que se passava lá.

AGORA É A SUA VEZ

6. Em quais parágrafos o conteúdo do baú é revelado?

7. Em qual parágrafo o narrador anuncia sua expectativa em relação ao baú? Ele estava seguro dela? Expliquem.

8. Expliquem como o autor intensificou a curiosidade do leitor quando as personagens examinavam o conteúdo do baú.

9. Junto à sacola de dinheiro, as personagens encontraram um pacote cujo conteúdo ainda não foi revelado neste capítulo. Aparentemente, ele contém papéis, e Jim fará questão de levá-lo consigo quando fugir da estalagem. Esse pacote constitui um mistério que deixa o leitor intrigado, tentando adivinhar seu conteúdo. Considerando o título do livro, formulem uma hipótese sobre o conteúdo do pacote e sobre a importância que ele poderá ter na continuação da história.

10. Sublinhe as palavras-chave do texto.

11. Circule, de amarelo, as palavras desconhecidas por você. Procure-as no dicionário e coloque o significado delas abaixo:

12. Preencha a tabela de acordo com os acontecimentos e os lugares, revelados no texto:

LUGAR	PARÁGRAFOS	ACONTECIMENTOS
Sala da estalagem	1	Pavor de Jim e sua mãe, sozinhos na estalagem, com o cadáver do capitão. Resolução de buscar ajuda na aldeia vizinha.
	2	
Aldeia		
Estrada		
		Descoberta do sinal negro deixado pelo mendigo, dando ao capitão um prazo de vida até as dez horas. Revista do cadáver e encontro da chave do baú. Subida para o quarto do capitão.
Quarto do capitão		Abertura e exame do baú. Localização de um pacote de oleado e de uma sacola cheia de moedas. A obstinação da mãe em separar as moedas e recolher a importância devida pelo capitão. Sons na porta; o retorno do mendigo cego. Distanciamento dos sons. Decisão de fugir, levando parte das moedas e o pacote de oleado.

Leia e observe atentamente o texto a seguir para responder às questões 13 e 14:



Disponível em: <<http://zip.net/bslbwn>>. Acesso em: 14 out. 2013.

13. O texto publicitário possui recursos verbais e visuais. Explícite quais elementos visuais foram utilizados pelo enunciador.

14. Explique qual é a importância de ser um doador.

Observe este anúncio publicitário e responda ao que se pede nas questões 15 a 17:



Disponível em: <https://saude.rs.gov.br/campanha-de-prevencao-ao-coronavirus>. Acesso em: 28 maio 2020.

15. Qual é a finalidade desse anúncio?

16. Explique a frase “Porque uma mão lava a outra”.

17. Interprete a função da imagem utilizada nesse anúncio.

18. Leia o texto a seguir:

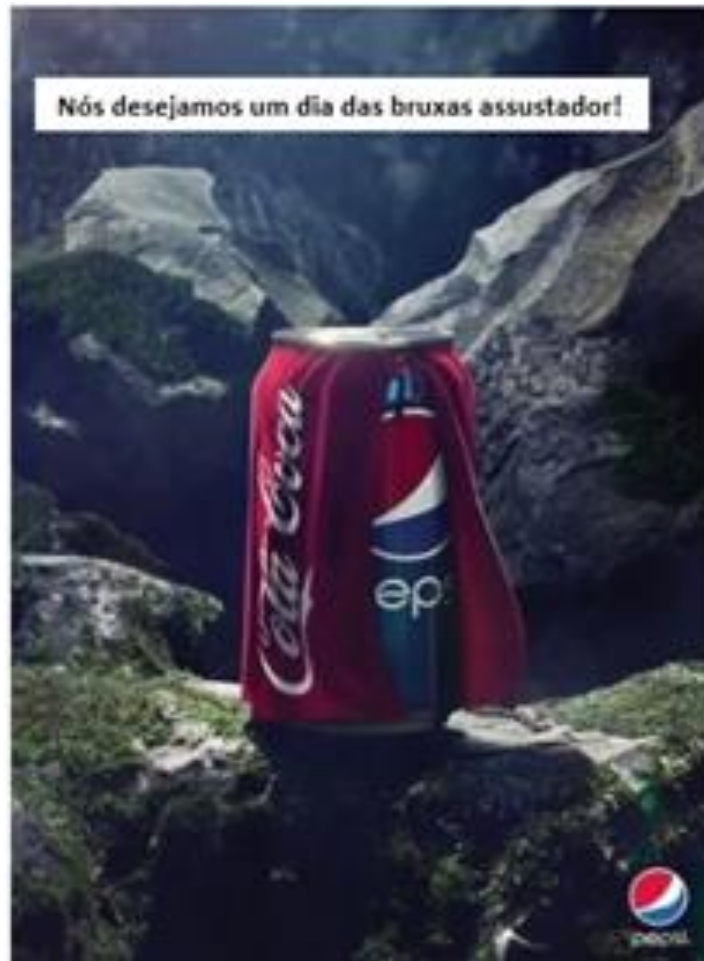


Disponível em: <<http://sinapromq.com.br/online/materia/60/campanha-de-oportunidade-ctbc-desenvolvida-pela-formula-p/>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

A ausência de algumas letras nesse anúncio publicitário se relaciona aos objetivos do produtor, provocando qual efeito de sentido no texto?

As campanhas publicitárias não vendem apenas um produto, mas um estilo de vida. O indivíduo é um ser influenciado pela mídia, pois quem dita as regras de consumo são as campanhas publicitárias.

19. Apresente as artimanhas de mercado utilizadas pela marca Pepsi como sedução no discurso publicitário, para convencer o consumidor a adquirir o produto apresentado.



20. Apresente agora as artimanhas de mercado utilizadas pela marca Coca-Cola em resposta às estratégias publicitárias apresentadas pela Pepsi.